

ARTE-EDUCAÇÃO INDÍGENA:

Caminhos para a Formação de Professores através da interculturalidade

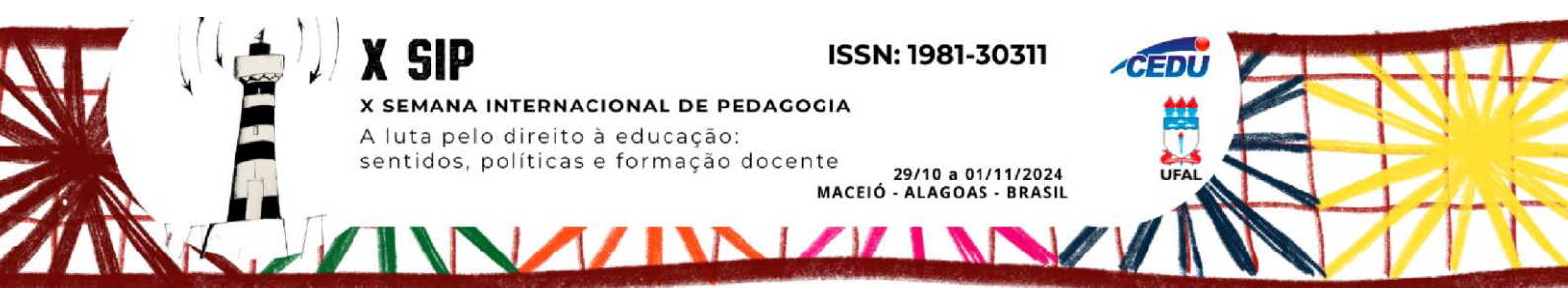
Luiz César Barbosa da Silva¹
(UFAPE)
(email: cesar.barbosa@ufape.edu.br)

1 INTRODUÇÃO

Diante da urgência em trazer um olhar sensível formativo para os professores sobre a abordagem do ensino de arte por meio da cultura indígena, durante o percurso do componente curricular Fundamentos e Metodologias do Ensino da Arte II (FMA-II), do curso de Pedagogia, na Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, foi proposto caminhos para emancipação dos sujeitos e a valorização da arte indígena através da interculturalidade. A Arte-Educação Indígena envolve a preservação e a promoção das expressões artísticas tradicionais, como a pintura corporal, a cerâmica, a música, a dança, e a narrativa oral. Esses elementos não são apenas artísticos, mas também carregam significados profundos sobre a cosmologia, a espiritualidade e a história dos povos indígenas.

Nesse sentido, de ampliar a visão dos discentes sobre uma abordagem metodológica a partir de Freire e intelectuais indígenas, a Arte-Educação Indígena deve ser baseada em metodologias participativas, onde os alunos são incentivados a contribuir ativamente para o processo educativo. Isso pode incluir a criação coletiva de obras de arte que refletem as experiências e os conhecimentos da comunidade, bem como vivências que emergem na cultura mencionada. Tomando como base fundamentos teóricos sob o olhar indígena, a disciplina trouxe um seminário com texto de autores indígenas. Isso é muito significativo, pois abarca um caminho trilhado pelos agentes em estudos, tirando-os da condição de objetos de estudos para

¹ Docente do Curso de Licenciatura em Pedagogia, nas disciplinas Fundamentos e Metodologias do Ensino de Arte I e II.



protagonistas. Além disso, também tivemos em nossas aulas a participação de estudantes indígenas Kambiwá e Fulni-ô da nossa universidade abordando suas culturas nos processos formativos de professores.

É perceptível que uma educação emancipadora tem como fulcro um ensino libertador. Durante o percurso trilhado, tivemos como questão norteadora²: Como a Arte-Educação Indígena pode ser incorporada na formação de professores para promover uma educação intercultural que valorize os saberes indígenas? E outras foram surgindo: Como os professores podem utilizar essas práticas para enriquecer o currículo escolar? E de que forma a integração dos saberes indígenas pode contribuir para a valorização da identidade cultural dos estudantes indígenas?

2 OBJETIVOS

Objetivo geral: Articular teoria e prática da Arte-Educação Indígena na formação de professores, visando à promoção de uma educação intercultural que valorize as culturas e saberes ancestrais como metodologia de ensino.

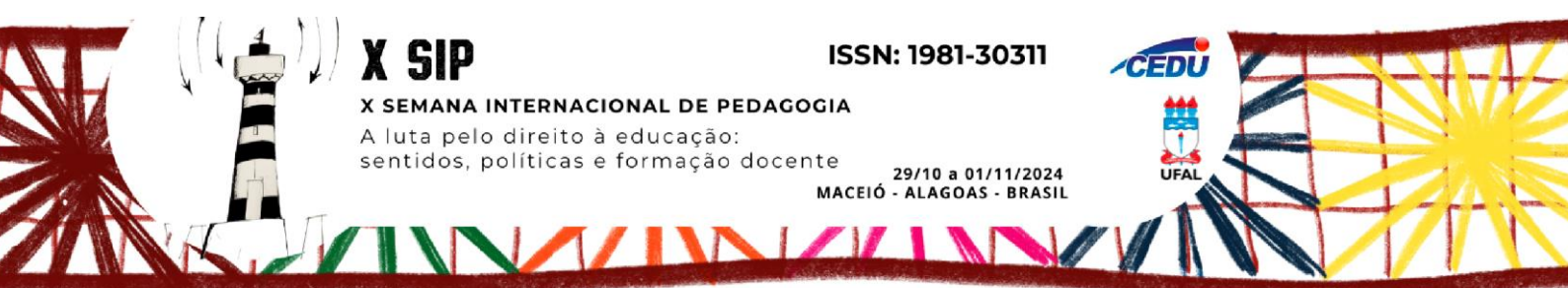
Objetivos específicos:

- Identificar práticas artísticas indígenas que podem ser incorporadas na formação de professores.
- Analisar o impacto dessas práticas na formação dos professores e na educação dos alunos indígenas.
- Desenvolver propostas pedagógicas que integrem saberes indígenas no currículo escolar.

3 METODOLOGIA

Como metodologia busquei uma abordagem qualitativa, explorando as experiências e percepções dos estudantes nas atividades propostas. Também tivemos estudo de campo, realizado na comunidade indígena Fulni-ô, em Águas Belas-PE, bem como práticas artísticas e pedagógicas em sala de aula. Além do exposto, os discentes após os estudos e discussões, foram conduzidos a elaborar e executar um plano de aula direcionado aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental,

² Termo para se referir a América do Sul como aporte de orientação. Valorizar os conhecimentos latino-americanos como uma epistemologia crítica ao eurocentrismo.



trazendo como elemento principal o ensino de arte por meio da ancestralidade indígena.

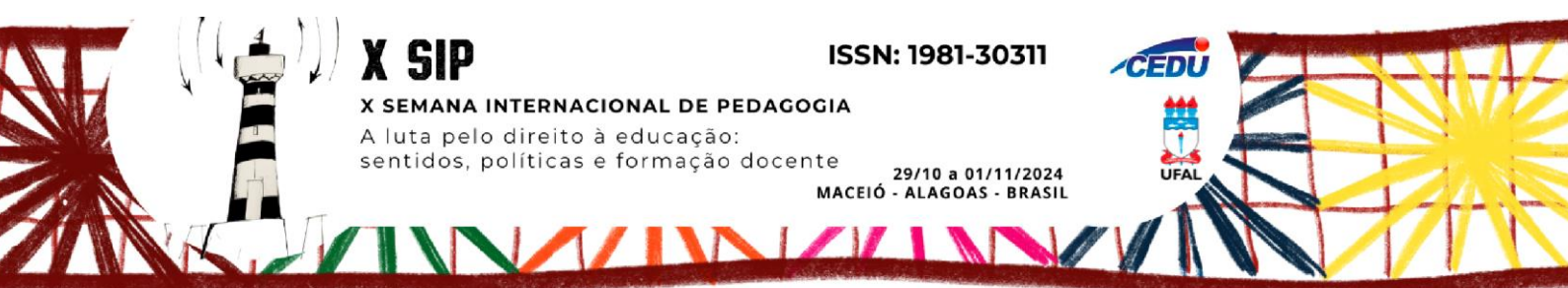
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O eurocentrismo por meio do colonialismo tem sido tão recorrente no espaço acadêmico que abordar uma disciplina com um foco indígena a partir de indígenas parece algo distante. É necessário frisar que essa desconstrução se iniciou em 2023, quando cheguei nessa instituição e participei do II Encontro de Indígenas e Quilombolas da UFAPE. Durante dois dias fomos convidados a refletir sobre as demandas estudantis, que entre elas estava a falta de representatividade na universidade de elementos que fortalecem a identidade desses grupos. Estudantes que já estavam em muitos casos no último período e sequer tiveram um contato com um texto de autoria indígena, por exemplo. É como enfatiza Eliana Potiguara (2004, s/n): “Educar é libertar. A educação indígena liberta quando dá ao educando a consciência de sua identidade, de sua força e de seu poder de transformação.”

Confesso, que isso me fez refletir muito de como a própria universidade pode ser utilizada como um instrumento do discurso colonial. Mignolo (2010) faz referência a matriz colonial do poder, afirmando que ela se consolida através do controle da economia, controle da autoridade, controle da natureza e dos recursos naturais, controle de gênero e da sexualidade, controle da subjetividade e do conhecimento. A educação foi e ainda continua sendo um poderoso instrumento de colonização e de impedimento do desenvolvimento da liberdade.

Ao meu ver, esse controle colonial se faz presente de forma sutil em diversos momentos da formação docente. A começar pelos autores abordados nas disciplinas que trazem uma matriz curricular que dificilmente insere questões indígenas, quilombolas, feminismo e minorias sociais. O acervo bibliotecário é outro ponto a ser destacado, já que não é ofertado referências decoloniais. Diante de tudo isso, a “desobediência epistemológica” (Bell Hooks, 2002) parece ser um caminho alternativo para driblar um sistema eurocentrado.

Aprofundando o estudo, o primeiro encontro com a turma foi trabalhado o tema: Saberes indígenas Kambiwá como metodologia do Ensino de Arte, com Jaqueline Moura. Nas aulas seguintes tivemos um seminário com textos de autores indígenas,



organizados da seguinte forma: Arte indígena Xakriabá: com um pé na aldeia e o outro pé no mundo, de Nei Leite Xakriabá; A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami, de Davi Koperawa e Bruce Albert; Uma etnologia dos “índios misturados?” Situação colonial, territorialização e fluxos culturais, de João Pacheco de Oliveira; Da “representação das sobras” à “reantropofagia”: povos indígenas e a arte contemporânea no Brasil, de Ilana Seltzer Goldstein.

À medida que íamos avançando nas discussões dos textos os estudantes eram conduzidos a fazer um paralelo com o contexto da educação básica. Associando como tais diretrizes associadas ao saber ancestral poderiam desencadear metodologias de ensino de Arte-Educação Indígena. Esse direcionamento consiste em termos uma cosmovisão de nossa própria realidade, compreender que a prática e a teoria devem estar e ser interligadas de tal forma que não consigamos separar ou distinguir uma da outra. Portanto, implementa-se um ensino crítico-reflexivo, ao se conceber a necessária relação entre teoria e prática, como destaca Freire (1996).

A formação de professores deve incluir uma conscientização profunda sobre as realidades e as culturas dos povos indígenas. Isso envolve não apenas o ensino de conteúdos específicos sobre culturas indígenas, mas também a promoção de atitudes de respeito e imersão por meio de atividades práticas. Somente pela educação que homens e mulheres podem ser plenos e detentores de poder, transformando sua realidade.

Isso posto, demos continuidade ao processo de ensino e aprendizagem com nossa aula de campo na Aldeia Fulni-ô, em Águas Belas-PE, intitulada “YAKHDESE FENKHETHA FULNI-Ô³: Metodologias e práticas de Ensino de Arte”. Inicialmente ao chegarmos, fomos conhecer a aldeia e sua história. Em seguida, visitamos a Escola Estadual Indígena Fulni-Ô Marechal Rondon. A escola atualmente, tem 1.300 estudantes da educação infantil ao ensino médio. O corpo docente é composto por 127 indígenas e 3 não indígenas. Durante a visita, conhecemos um pouco do funcionamento da escola e como a arte está presente como elemento de conexão com a ancestralidade e os saberes originários.

Após esse momento na escola, fomos conduzidos ao ritual do Toré (figura 01) com os guerreiros da aldeia, Thxalle Fulni-ô, Khawilly, Nickson Thxiá Fulni-ô, Hayalla,

³ Tradução do Iathtë, língua Fulni-ô: Saberes Ancestrais Fulni-ô.

Setso Fulni-ô e Igor Fulni-ô. Com cânticos na língua Fulni-ô conduziram em um mergulho na interculturalidade. Também tivemos uma aula de pintura corporal por meio dos grafismos. A sala de aula foi em meio a natureza com uma cachoeira. Os guerreiros a medida que pintavam (figuras 02 e 03) uma atmosfera de conhecimentos acentrais fomentava-se diante de nós. Os discentes durante essas atividades mostravam-se animados e reflexivos sobre como aquele contexto estava abrindo novas formas de ensino-aprendizagem. Após as pinturas, entramos em um ritual de purificação com cânticos e danças circulares, finalizando com um banho de cachoeira.

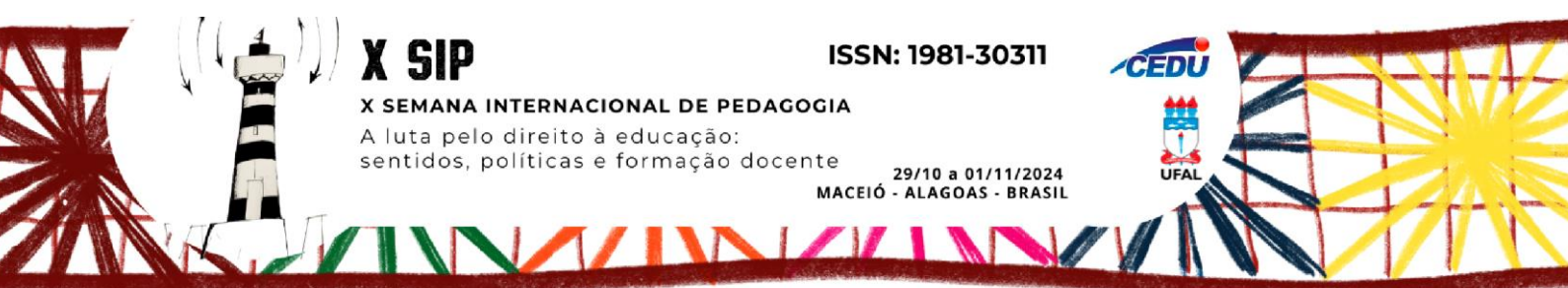
Figuras 01, 02 e 03: Aula de Campo na Aldeia Fulni-ô, Águas Belas-PE



Fonte: Acervo do autor, 2023 e 2024.

Finalizada a aula de campo, os estudantes foram direcionados a produzirem um plano de aula para uma turma dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental abordando a temática de Arte Indígena. Esse processo de construção possibilitou em aprofundar ainda mais o assunto. A medida que avançavam nos planos de aulas um paralelo entre teoria e prática como elementos indissociáveis em uma educação emancipatória eram estabelecidos.

Por fim, foram a campo aplicar o plano de aula em um colégio de Garanhuns, com turmas do 1º ao 4º ano. Na semana seguinte retornaram à universidade para em roda de conversa apresentar os resultados. Neste momento, foi compartilhado práticas exitosas, bem como o resultado da junção teórica e prática. Ficou nítido que a imersão na interculturalidade indígena protagonizou um ensino transgressor onde os povos indígenas não foram meros objetos de pesquisa, contudo a partir das falas



deles, pesquisas e vivências foram promovidas experiências significativas e decoloniais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, noto que a universidade precisa ofertar espaços interculturais em que teoria e prática estejam tão interligadas que será complexo separá-las. As atividades propostas formativas foram caminhos para (des) construção de estereótipos e amarras coloniais. Esse percurso formativo se expandiu à medida que emergíamos na ótica indígena, seja por meio dos textos produzidos por eles ou na atividade de campo participando ativamente de cada momento. Concluo reafirmando que uma sociedade mais justa deve assumir o papel de uma educação transformadora dos sujeitos por meio da ação-reflexão-ação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, W. F. O legado de Aníbal Quijano para o pensamento latinoamericano descolonizado. Revista IHU on line, 2018. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br/188-noticias/noticias-2018/579677-o-legado-de-anibal-quijano-para-o-pensamento-latino-americano-descolonizado>. Acesso em 05 set. 2024.

FERRI, Cassia; DUARTE, Blaise Keniel da Cruz; NEITZEL, Adair De Aguiar; URIARTE, Mônica Zewe; SOUZA, Nilmar. A formação de professores no ensino superior: relações com a avaliação institucional. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, ES, v. 77, n. 1, p. 55-73, jun. 2018. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/3026/3955>. Acesso em: 01 mar. 2024.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barbosa; LEITE, Denise; FRANCO, Maria Estela Dal Pai; CUNHA, Maria Isabel da; ISAIA, Silva Maria Aguiar. A qualidade da educação superior e o complexo exercício de propor índices. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 64, p. 13-37, jan./mar. 2016.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latinoamericanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.